

## Projeto Som Azul: musicalização e autismo

*Luana Kalinka Cordeiro*  
UFRN  
*lua.kalinka@gmail.com*

*Raiane Silmara Silva*  
UFRN  
*raianesns@outlook.com*

*Gessé José Araújo*  
UFRN  
*gessejose30@hotmail.com*

**Resumo:** A dificuldade em encontrar profissionais de música voltados para área de educação musical especial/inclusiva e a quase ausência de publicações relacionadas a essa fatia do mercado de trabalho/pesquisa, faz com que o professor de música tenha poucas referências ao se deparar com um aluno com necessidades especiais. A partir de reflexões acerca dessa problemática, iniciou-se um projeto de educação musical para pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), onde esses indivíduos tivessem acesso à musicalização e alunos de Licenciatura em Música da Escola de Música da XXXX pudessem conhecer e ter experiência no ensino-aprendizagem musical de pessoas com TEA. O presente trabalho tem como objetivo relatar parte da experiência dos autores na área de Musicalização e Autismo, para isso este propõe reflexões e explica um pouco dessa experiência ao: 1) sugerir abordagens metodológicas utilizadas durante as aulas do projeto 2) refletir acerca da importância da música e movimento e ritmo 3) Despertar de uma belíssima experiência de um deficiente visual no ensino da Flauta Doce para pessoas com TEA 4) apresentar o universo das histórias através do Cantar/contar Histórias Sonorizadas.

**Palavras chave:** Educação Musical Especial, Autismo, Musicalização Inclusiva

## INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende relatar vivências sobre educação musical de pessoas com autismo, neste caso no *Grupo Som Azul*, desenvolvido na Escola de Música da XXXX. Para isso, propomos reflexões e explicamos um pouco dessa vivência ao:

- Sugerir algumas abordagens metodológicas utilizadas durante as aulas do projeto;
- Passando por reflexões acerca da importância da música e movimento, o trabalho com a dicção e ritmo;
- O florescer de uma belíssima experiência de um deficiente visual no ensino da Flauta Doce para pessoas com TEA;
- E apresentar o universo das histórias através do Cantar/contar Histórias Sonorizadas.

Este papel pode ser especialmente desafiador para o educador musical que não tem formação adequada, sensibilidade, e experiência de trabalho com alunos que apresentam deficiências. Para tanto, tal projeto propõe aos alunos de Licenciatura em Música da Escola de Música da XXXX conhecer e ter experiência no ensino-aprendizagem musical de pessoas com TEA. Incentivando vivências musicais em grupo – Licenciandos e alunos com TEA – ao desenvolver e aperfeiçoar habilidades musicais e de interação social.

Sobre essa vivência no *Som Azul* para licenciandos, XXXX (monitora do *Som Azul*), conta que as disciplinas presentes na Licenciatura em Música não suprem a carência na área de Educação Musical Especial. Para ela, a participação no projeto, embora o início tenha sido surpreendente e tenha apresentado várias vezes a “sensação de incapacidade”, a ajuda da supervisora e dos monitores a ajudou a se sentir mais confiante, contribuindo com sua formação, possibilitando experiências de como trabalhar na área de musicalização e autismo, podendo observar o quão “desafiante e rico é esse caminho” e a vontade de trabalhar e pesquisar cada vez mais nessa área.

Entretanto, a dificuldade em encontrar profissionais de música voltados para área de educação musical especial/inclusiva e a quase ausência de publicações relacionadas a essa fatia do mercado de trabalho/pesquisa, faz com que o professor de música tenha poucas referências ao se deparar com um aluno com necessidades especiais. Além disso, a carência de ações que favoreçam o processo de inclusão, neste caso especificamente do aluno com Transtorno do

Espectro Autista (TEA), propulsiona essa pesquisa, que reconhece o valor da música no eixo inclusivo.

Cada um dos aspectos ou elementos da música corresponde a um aspecto humano específico. O ritmo musical induz ao movimento corporal, a melodia estimula a afetividade, a estrutura musical (na harmonia ou forma musical) contribui ativamente para a afirmação ou para a restauração da ordem mental no homem. (WILLEMS apud GAINZA 1982, p. 36).

Assim, a proposta do projeto é apresentar conceitos básicos de música, prática de bandinha rítmica e flauta doce (dentro do limite cognitivo de cada aluno) em forma de pequenas oficinas de musicalização. Passando pelo universo das histórias ao proporcionar o trabalho de contar/cantar *histórias sonorizadas*, como no livro “A Sopa Supimpa”, de Estevão Marques.

## REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO MUSICAL E AUTISMO

Quando falamos sobre autismo e aprendizagem, especialmente dentro do contexto musical, precisamos prioritariamente considerar a necessidade de promover a *Integração Sensorial*. Segundo Ayres (1979, apud SILVA, et al, p. 33), integração sensorial vem a ser o processo neurológico através do qual o Sistema Nervoso Central recebe, registra e organiza a informação que vai usar para criar uma resposta adaptada do corpo ao meio ambiente.

Para a realização do projeto de Musicalização e Autismo foi preciso ter em mente algumas etapas.

Na “gestação”:

- O estudo e pesquisa sobre a deficiência dos alunos e a fase de observação dos mesmos: conhecer o aluno. Para isso, faz-se necessária a próxima etapa;
- O contato com ;a associação que nos abriu as portas e disponibilizou os indivíduos, aos quais seriam nossos alunos no início dessas observações, e o contato com os responsáveis desses alunos: através de reuniões, conhecer o local, os profissionais, os cuidadores e os familiares;

Durante o “nascimento” e “desenvolvimento”:

- Aplicação metodológica: atividades elaboradas para que todos possam participar de forma que não exponha tanto a deficiência e trabalhe as dificuldades individuais, promovendo adaptações quando necessário;

No início da “maturidade”:

- Elaboração e publicação de artigos acerca da temática tão escassa de referencial bibliográfico;
- Apresentações com o grupo, a fim de reforçar a autoestima. Respeitando as limitações e possibilidades de cada um.

Para isso, Birkenshaw-Fleming (1993) aponta ainda alguns possíveis benefícios que as aulas de música podem proporcionar aos indivíduos com necessidades especiais:

- Se o professor faz com que o aluno realize algumas atividades com sucesso, possivelmente vai reforçar a sua autoestima.
- É importante, por outro lado, fazer com que o aluno participe de todos os procedimentos de aula, de maneira que suas realizações se transformem numa experiência válida. Todos devem ser encorajados a dar o melhor de si e serem independentes, tanto nas atividades musicais como em qualquer outra atividade do seu dia-a-dia.
- É possível estimular a interação social por meio de atividades musicais, e um bom relacionamento social possibilita ao indivíduo sair de um possível isolamento.
- O desenvolvimento do tônus muscular e da coordenação psicomotora pode ser estimulado por meio de atividades que envolvam

movimento associado à música, por exemplo, na atividade “O Tomate e o Caqui” – Grupo Triii.

- O desenvolvimento da linguagem pode ser estimulado por meio de atividades musicais tais como parlendas, trava-línguas, pequenas canções ou até mesmo através da interpretação e performance nas Histórias Sonorizadas.
- Da mesma forma, pequenas canções e exercícios de acuidade rítmica e melódica podem desenvolver a capacidade auditiva, intelectual e o desenvolvimento da memória, por exemplo, nas músicas “Samba lê lê” e “Na Bahia tem” – domínio público.
- Por meio de um programa de educação musical bem estruturado e com objetivos bem definidos é possível promover o desenvolvimento físico, intelectual e afetivo da pessoa com necessidades especiais.

Em relação à dinâmica das aulas, Bogaerts (2010) alerta para um aspecto da educação inclusiva que deve ser considerado tanto no planejamento como no decorrer da aula que é o de não transformar esta em uma sessão terapêutica:

Quando se trata de uma classe com alunos especiais, muitas vezes observa-se que a aula de música passa a ser apenas um momento para relaxar ou que ela serve como pano de fundo para atividades recreativas e/ou de socialização. Em outras situações, o professor pode procurar mesclar atividades de educação musical com atividades terapêuticas, pensando em contemplar “os normais” e os “especiais”. Agindo assim, ele não se aprofunda na sua área, que é a Educação Musical, e usa elementos de Musicoterapia, que não é a sua especialidade. (BOGAERTS, 2010, p.790)

Partindo desse pressuposto, no momento da elaboração da metodologia tenho em mente o fato de não possuir formação técnica-acadêmica na área da saúde que permita (e estimule) realizar procedimentos terapêuticos, como a musicoterapia. Outrossim, as atividades realizadas possuem caráter pedagógico, onde a vivência musical em grupo sugere práticas e favorece o relacionamento interpessoal mantendo, com isso, o caráter próprio da aula.

Ao falar em ambiente confortável, se tratando de pessoas com TEA, destaca-se a segurança propiciada através da rotina. Segundo Joly (2003), indivíduos com algum tipo de dificuldade emocional, mental ou de aprendizagem, neste caso, o autismo, conseguem se organizar e responder bem às exigências do ambiente quando lhes é assegurado senso de ordem e uma rotina previsível. Dessa forma, o caos não se instala em suas vidas.

Durante os planejamentos das aulas do Projeto Som Azul, desenvolvemos sempre atividades proporcionem um ciclo onde os alunos saibam o início, meio e fim dos momentos. Por exemplo, através da música “Quem é que veio hoje”, de Elvira Drummond, fazemos a associação do “EU” no ambiente, onde o indivíduo se apresenta e faz um gesto, marcando sua presença ativa na sala de aula e se prepara para o início da mesma.

Outro aspecto apontado por Birkenshaw-Fleming (1993) é o movimento. Ele faz parte natural do processo de desenvolvimento e também pode auxiliar a aliviar tensões, auxiliar o corpo a assimilar conceitos e levar a pessoa a efetuar contatos sociais. Nas aulas do *Som Azul* trabalhamos algumas músicas para aquecimento corporal como “Estica Dobra”, do Palavra Cantada e “Desengonçada”, da Bia Bedran.

Durante as aulas de musicalização do Som Azul, utilizamos jogos de movimento, expressão e percussão corporal, através de canções como “O tomate e o caqui”, do Grupo Triii, ou até mesmo exercício de *Movimento Espelhado* e *Eco Sonoro* contribuindo também para despertar a consciência perceptiva, o contato visual, o desenvolvimento da discriminação auditiva e do controle motor. Além disso, as atividades musicais podem favorecer a integração social e emocional do aluno, influenciando positivamente sobre sua atitude com relação ao jogo, ao trabalho, a si mesmo e ao meio em que vive.

Através da metodologia de Carl Orff, o movimento e a linguagem são apresentados de forma lúdica e dinâmica, de forma que o aluno aprenda sem perceber, enquanto “brinca”.

## SOM AZUL

No período “gestacional” do Som Azul, em 2012, a abordagem era feita de forma muito mais sutil que a atual, a gente se inseriu gradativamente à rotina dos alunos. A princípio junto com determinados profissionais da XXXX, os alunos eram atendidos individualmente e apenas observávamos. Com o tempo começamos a fazer pequenas intervenções, principalmente durante os contatos com a fonoaudióloga. Trabalhávamos conceitos de propriedades sonoras através dos sons dos animais e sons feitos pelo corpo.

Em 2013, por sugestão da Profª. XXXX, as aulas começaram a ser na XXXX. Assim, os profissionais da XXXX levavam os alunos para a aula de música, a qual começou a ser ministrada em grupo. Os 8 alunos tinham faixa etária entre 14 e 26 anos, sendo 2 meninas e 6 meninos.

Em 2014 as aulas se resumiam em Musicalização e Bandinha Rítmica e contávamos com a ajuda de 2 monitores, mesmo que pouco frequentes ajudavam muito, principalmente ao fazer acompanhamento instrumental durante as canções.

O grande crescimento do Som Azul foi em 2015, neste ano a XXXX nos disponibilizou 2 bolsas para monitores. Assim, com a oportunidade de bolsa e a divulgação mais ampla do projeto, totalizamos aproximadamente 10 alunos e 5 monitores sob supervisão da Profª. XXXX, juntamente com a orientação da Profª. XXXX.

Dentre esses monitores, um se destacou ao assumir a turma de Flauta Doce no segundo semestre de 2014, embora apresentasse deficiência visual, o monitor XXXX atuou com muita sensibilidade o ensino de flauta com os alunos, um instrumento tão complexo no ato de soprar e no desenvolvimento motor, principalmente para pessoas com TEA.

Diante desse convite, o XXXX conta que sentiu inseguro e incapaz, pois sua experiência anterior de ensino de música era apenas junto a pessoas com deficiência visual no Projeto Esperança Viva da XXXX. A partir desse convite surgiu um questionamento: *como poderia dar aulas de flauta doce para pessoas com autismo?*

Depois do susto inicial, o XXXX começou a ler alguns artigos sobre a temática e o livro “O que me faz pular”, de Naoki Higashida, um garoto de 11 anos com autismo, para poder conhecer mais desse o universo. Tendo incentivo e apoio tanto da Profª. XXXX, como da Profª.



XXXX, coordenadora do projeto Esperança Viva. Passando a observar as aulas de musicalização durante duas semanas com o objetivo de conhecer as especificidades desse tipo de necessidade educacional especial e desenvolver estratégias para o ensino de música para esse público. As observações foram bastante significativas para conhecer a metodologia utilizada em sala.

A partir dessas observações, surgiram mais questionamentos para o XXXX sobre como poderia dar aulas para pessoas com autismo: 1) alguns alunos não tem a linguagem verbal desenvolvida, e os cegos interagem principalmente pela comunicação verbal; 2) para ensinar flauta doce é preciso observar a postura dos alunos (como eles pegam na flauta, como posicionam a flauta no lábio, a digitação); 3) como promover a interação professor-aluno? e 4) como iria promover o gosto musical para os alunos com TEA?

Após esse período de observação e reflexão, ao ministrar as aulas de flauta doce, XXXX resolveu começar com a música “Si, eu toco” de autoria de Lourdinha Lima. Contando com o apoio da Profª XXXX e mais 4 monitores, passando a interagir com os alunos “através dos olhos dos colegas” e a orientação dos pais e profissionais da XXXX.

Esse florescer da experiência de um professor deficiente visual e alunos com autismo foi tão fluido e eficaz, que proporcionou ótimos resultados a ponto dos alunos do Som Azul se apresentarem no auditório da XXXX.

Durante essa apresentação os alunos tocaram na flauta doce a música “Si eu toco”, de Lourdinha Lima, e ainda contaram a história sonorizada “A Sopa Supimpa”, de Estevão Marques. Esta última exigiu um trabalho árduo de leitura, dicção, ritmo e interpretação dos alunos. Pois a história exigia personagens e execução rítmica através de colheres de pau.

Agora, em 2016, tivemos que criar 2 turmas, dividindo-as por nível de comprometimento autístico. Atualmente temos 23 alunos e 8 professores/monitores e cada vez mais alunos da Licenciatura em Música interessados em pesquisar e publicar sobre esse universo tão complexo e apaixonante que é o autismo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



Esperamos, com esse trabalho e com a publicação dos demais que estão por vim, que a prática musical direcionada a alunos com TEA e professores preparados para tal situação, transforme-se numa importante ferramenta de inclusão do aluno em espaços educacionais comuns a alunos neurotípicos (não autistas). Assim, oferecendo condições igualitárias de aprendizagem, dessa forma, tornando a proposta desse projeto de pesquisa uma realidade possível.

Portanto, esperamos apresentar que o aluno é mais do que a deficiência e que a deficiência não substituirá todos os outros atributos humanos que a pessoa com TEA possui.

## Referências

ADAMEK, Mary S. e DARROW, Alice-Ann. **Music in special education**. USA: The American Music Therapy Association, 2008.

ARTEN, Alessandro; ZANK, Sérgio; LOURO, Viviane. **Arte & inclusão educacional**. São Paulo: Ed. Didática Brasil, 2007.

BIRKENSHAW-FLEMING, L. **Music for all: teaching music to people with special needs**. Toronto, Canadá. Gordon Thompsom Music, 1993.

BOGAERTS, Jeanine. **Educação musical inclusiva: considerações sobre aulas de música em uma escola regular**. In: CONGRESSO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 19., 2010, Goiânia. **Anais...** Goiânia: UFG, 2010. p.787-795. Disponível em:<[http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2010/Anais\\_abem\\_2010.pdf](http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2010/Anais_abem_2010.pdf)>. Acesso em: 25 jun. 2012.

GREENSPAN, S., GREENSPAN, N. T. **The essential partnership**. New York, Penguin Books, 1989.

JOLY, Ilza Zenker Leme. **Música e Educação Especial: uma possibilidade concreta para promover o desenvolvimento de indivíduos**. Vol. 28, nº2, 2003

LOURO, Viviane dos Santos. **Educação musical e deficiência: propostas pedagógicas**. São José dos Campos, SP, 2006.

\_\_\_\_\_. **Arte e Responsabilidade social**, São Paulo, TDT Artes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos da aprendizagem musical da pessoa com deficiência**. Santo André, SP: TDT Artes, 2012.

PENOVI, L. **Entrenamiento rítmico e auditivo para el disminuído mental**. Buenos Aires: Talcahuano, 1989.

\_\_\_\_\_. **Autismo, Música e Teoria da Mente**, SIMCAM 10, Campinas, 2014.

SILVA. **Análise Psicológica, Programa clínico para o tratamento das perturbações da relação e da comunicação**. Acesso em 17 de Novembro de 2014, em:

<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v21n1/v21n1a05.pdf>